

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 20 DE AGOSTO DE 1887  
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 438

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

## REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,  
A. de Souza e H. de Magalhães

## GERENTE

G. CABRAL

## SUMMARIO

Expediente.....	FILINDAL.
Historia dos sete dias.....	V. MAGALHÃES.
Ramalho Ortigão.....	A. PUJOL.
Cartas paulistas—II.....	O. BILAC.
Versos e Versões.....	J. D. DA ROCHA.
Fortes e fracos, poesia.....	A. DE OLIVEIRA.
Trecho de carta.....	V. MAGALHÃES.
Bilhete de parabens.....	J. RIBEIRO.
Notas philologicas.....	E. PERNETTA.
Idiote de ouro, soneto.....	A.
Jornaes e Revistas.....	F. LUZ.
O orfão, soneto.....	TIO ANTONIO
Festas, bailes e concertos.....	A. PALHEITA.
Bellas-Artes—Tres exp- siões I.....	P. TALMA.
Theatros.....	L. M. BASTOS.
Sport.....	T. CAMARA.
Collaboração—Ode.....	
Factos e Noticias.....	
Recembios.....	
Annuuncios.....	

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

#### CÓRTE

Trimestre.....	28000
Semestre.....	48000
Anno.....	88000

#### PROVINCIAS

Semestre.....	58000
Anno.....	108000

Está percorrendo as provincias do Rio de Janeiro, e Minas Geraes em serviço d'A Semana, o seu gerente, Sr. Guilherme Cabral. O nosso estimado companheiro tem todos os poderes para representarnos; por isso rogamos aos nossos amigos e assignantes da provincia queiram entender-se com elle a respeito de todos os negocios relativos a esta folha.

No escriptorio d'esta folha compramse exemplares dos us. 1, 2, 6, 23, 26, 45, 54, 56, 57 e 96 d'A Semana.

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou maudarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremo um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Symphonias*, 1 volume de versos, de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Assis.

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Estelivro não foi posto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gill, Demure e A. Dreux, com as respectivas biographias, escriptas por notaveis publicistas francezes.

— *Poemas e Idylls*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremo um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

— *Erangelina*, poema de P. Longfellow, traduzido por Americo Lobo.

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

## HISTORIA DOS SETE DIAS

A minha vontade agora, ao começar esta chronica, era arranjar uma indisposição que me privasse de escrevela, como, segundo uma noticia da Semana, me aconteceu na sexta-feira passada. Mas, infelizmente, não me foi possivel constipar-me nestes ultimos dias, não arranjei uma dôrsinha de cabeça, e nem ao menos me mordeu os calos. Aquillo da indisposição foi uma intriga do meu inimigo José do Egypto, para me comprometter com os trinta mil leitores da Semana e ver se me desmoralizava para sempre; mas como o resultado me foi particularmente agradavel, não me queixarei da perfidia e passo á revista da semna decorrida.

*A tout seigneur tout honneur*. Começarei rejubilando-me com o sabiá canoro por mais um soneto de S. M. o imperador, publicado pela *Gazeta* de hontem.

Quando li os primeiros versos do imperador, convenci-me de que S. M. era um homem de grande talento, dotado de excepcionaes qualidades artisticas, a arrebentar de sabedoria. Fui levado a esta couvicção pelo facto de ver que S. M. conseguio fazer versos peiores do que os meus. Mordeu-me uma pontinha de inveja, confesso-o sinceramente, e tentei fazel-os ainda peiores do que os d'elle, atirando-me para isso a um desbragamento de metrificacão, a uma escandalosa orgia de grammatica. Não consignei nada! S. M. tinha absolutamente e invencivelmente sobre mim a superioridade da peioria.

Lembrei-me então a tempo das palavras da *Imitação*: — « Nada arriscas se te reconheceres inferior a todos; mas

muito damnoso e se te preferes a um só » — e tive um assomo de modestia: não me preferi a S. M.

Agora porém, que o meu espirito está vazio de rivalidade, reconbeço no imperador a prova de que é mais facil governar um paiz do que fazer um soneto. A politica do imperador pôde ter eido molesta para a nação, mas ninguém. — nem eu mesmo, que sou republicano ferocissimo e levado dos diabos — negarei que tem sido habilissima, originall, e, por assim dizer — artistica; uma politica artificiosa e manhosa, mas apparentemente correcta: a politica que poderia fazer, se subisse a um throno, uma raposa de La Fontaine. Mas, a respeito de versos, não o auxiliam egualmente as facultades do S. M. Quando o imperador atira um soneto no seio da admiração nacional, faz-me o effeito de um amator de arte dramatica a escangalhar convictamente um personagem do *Cynismo*, *Septicismo* e *Crença*.

S. M. deve restabelecer a sua saude e descer do Pindo para vir ler ás camaras os discursos do ministro do Imperio e escolher senadores nas listas triplices. Para fazer sonetos é necessario ser mais um pouco do que imperador. E' indispensavel chamar-se a gente Bocage — e este nome está muito demoralizado pelas anecdotas piccrescas de Portugal e dos Algarves.

Já que escrevi do imperador, aproveito a monção para me congratular com a familia imperial, por haver sido agraciado pela rainha de Hespanha com a gran-cruz de Carlos III o principe D. Pedro, que actualmente acompaña na Europa o seu augusto avô.

Este facto mergulhou-me hontem por longas boras ua admiração e no extasis. Eu sei que S. A. teve um trabalho damnado para nascer principe; que, como principe, não trepidou em frequentar a Escola Polythecnica, nivelando-se com os filhos do povo, para ser bacharel como toda a gente; não ignoro que S. A. é joven e bonito, elegante e prendado; consta-me que honrou com a sua presença, durante um dia inteiro, a bella capital hespanhola; que passeiou as ruas de Madrid, visitou os museus, vio os monumentos, admirou os quadros dos grandes mestres, almoçou e jautou no Grande Hotel de Roma. Mas não sei absolutamente mais nada. Com respeito aos meritos que em S. A. coucorrem para que a rainha de Hespanha lhe dê uma gran-cruz, apenas sei que S. A. tem um peito para a trazer e uma casaca para a espetar. Mais nada.

E, pelo que vejo, não é mesmo preciso nada mais. Entretanto, cumpre-me declarar que me acho perfeitamente habilitado a receber da rainha de Hespanha uma pendureza qualquer. Para

o anno pretendo ir a Madrid, e hei de entrar imponente e solemnissimo no Escorial, apresentando ousadamente deante da rainha attonita — o meu peito e a minha ensaca.

E' verdade que eu não me dei ao labor de nascer principe; mas tenho intenção de pedir emprestados os titulos e as insignias de S. A. Obá II. Depois disto: tão bom como tão bom. Vou passeir pelas *calles* com aquillo tudo ao peito.

Duas grandes festas nesta semana: a de N. S. da Gloria e a do grande premio de Jockey-Club.

A feita popular da Gloria dizem as folhas que foi ainda mais concurrenda do que nos annos anteriorea. Houve nos bonds, segundo me informaram, um movimento de mais de quatro mil passes gratuitos. Este facto prova eloquentemente a religião dos funcionarios publicos, pelo que eu me apresso em recommendal-os com empenho ao Sr. bispo D. Lacerda.

A's corridas do grande premio affluiram cerca de dez a doze mil pessoas. Vê-se bem que as corridas são presentemente uma religião. Aquelle formoso e intrepido Salvatus, mal poderia suppor, ao partir para o grande tiro, que sobre a sua consciencia de cavallo honrado pesava uma responsabilidade de 83:640:8000! O que é certo é que o valente animal ganhou em 215 1/2 segundos a já respeitavel quantia de doze contos de réis. Pede-se concluir por este facto que a profissão de cavallo é a maie rendosa que ha actualmente no Brazil, te considerarmos que um ministro de estado gasta nada menos de 525600 segundos para ganhar a sonma que o Salvatus ganhou em 215 1/2.

Confesso que me fallcem para isao habilitações, talentos e pernas, mas se pudesse ter o direito da preferencia, não preferiria ser ministro.

Tencionava escrever no passado numero da Semana uma carta ao meu querido mestre Ramalho Ortigão, quando a tal indisposição veio privar-me d'esse prazer.

A minha intenção era fornecer ao illustre escriptor alguns conselhos que o auxiliassem no trabalho de observar o Rio de Janeiro. Não me é possivel desenvolver em considerações as notas que havia tomado para aquelle fim. Transcrevo-as agora aqui, sumariamente, já que falei nisso, para que se veja que os conselhos eram bona, sensatos e prudentes:

— Fugir da policia, e, quando por ventura atacado, antes pedir o auxilio de um *capceira* do que o de um *permanente*;

— Livrar-se a todo custo da rhetorica nacional.

— Não se fiar na competencia, nem no criterio, nem na grammatica da imprensa indigena.

— Observar o numero prodigioso dos cartiguas que impunemente circulam por essas ruas.

— Notar que o primeiro ministro do Estado, o presidente do Conselho, o Sr. Barão de Cotegipe, enfim, vae muitas vezes dentro do seu *coupe*, vestido com um guarda-pó de brim pardo, de *cache-nez* de lã e chapéu do Chile na cabeça, sem dispensar, apesar d'esta solenne *toilette*, as duas ordenanças do *estyle*.

— Comparar o artigo 179, paragrapho IV da Constituição do Imperio (que diz: Todos podem comunicar os seus pensamentos por palavras, escriptos, e publical-os pela imprensa, sem dependencia de censura: contanto que hajam de responder pelos abusos que commetterem no exercicio d'este direito, nos casos e pela fórma que a lei determinar.) com o procedimento das autoridades policiaes prohibindo os *meetings* da Confederação Abolicionista.

— Constatar que no momento em que o povo, tanto da capital como das provincias, deseja a abolição do elemento escravo; quando esta generosa idéa consegue absolutamente triumphar em todos os espiritos e apenas encontra a sustar-lhe a marcha a barreira já fraquissima do interesse material; depois de se baver promulgado duas leis abolicionistas.—o governo do Brazil declara escravas treze mil pessoas, que para gosarem da completa liberdade, bastava que fosse cumprida uma lei anterior.

— Verificar que nesta cidade o que ha de mais pittoresco não é seguramente a bahia do Guanabara, nem o passeio publico, nem o parque da Acclamação — mas sim a camara dos deputados, o Sr. conselheiro Henriques, a Sociedade Protectora dos Animas e o Instituto Historico.

— Deliciar-se com os dois extremos da belleza nacional — de um lado o Sr. senador Taunay e do outro o Sr. Castro U'rso.

O meu querido e eminente mestre desculpar-me-á: não desenvolvo detidamente estas notas, como tencionava, porque ha nesta folha uma tyrannia que faz esquecer todas as velhas instituições do absolutismo e do feudalismo — a tyrannia do espaço.

FILINDAL.

## RAMALHO ORTIGÃO

I

Muitas são as occasiões em que me entristeço por ser brasileiro, em que sinto vergonha de haver nascido nesta terra, exuberante e nova pela Natureza e moralmente já tão velha e tão esgotada. Parece-me então, nesses momentos de desgosto e desanimo, que a minha terra é de todas a mais lastimavel pelo sem atrazo, pelas suas muitas misérias de paiz rico.

Sinto essa vergonha e essa tristeza

de ser brasileiro quando pondero o que é a nossa politica, quando considero que para entrar nos conselhos da Corôa não é preciso nem talento nem illustração nem serviços à patria; que se pôde assumir o governo do carro do Estado com a mesma toilette de um cocheiro de tilbury: — paletot enxovalhado de brim, chapéu de palha e chinêlos; quando me lembro que ha cincoenta annos que se está abolindo a escravidão do paiz, e que em 1839, enquanto em Paris se celebrava o centenário da liberdade humana, a outhorja da carta de alforria da Humanidade, na minha terra, neste pedaço de continente, illustrado pelo nascimento de Washington, Lincoln, Franklin e Edison, homens e mulheres suarão lama e sangue nos eitos e d'aqui os estalos dos rebos responderão ás salvas de palmas e de tiros da França.

Tenho fastio e nojo de ser brasileiro quando observo que não temos nem litteratura, nem arte, nem industria, nem commercio propriamente nosso; que o Empenho é o nosso deus e a Commodidade o nosso ideal; que a «soberania nacional» é uma metaphora de navalha e carapinha, com que, a troco de alguns vintens ou de alguns empregos, se povôam as cadeiras dos vereadores, dos deputadinhos, dos deputados e dos senadores; que temos policia apenas para isto: tolerar o *Corsario*, rapar cabeças de negros fugidos e perturbar a ordem publica, para cuja garantia é paga pelo povo, impedindo-lhe o exercicio pacifico do direito de manifestação do pensamento, por meio de *bichas chinezas*, assobios e cabeçadas; que não temos força de vontade, e nem, ao menos, a vontade da força: somos uns fraços resignados, convictos, satisfeitos da nossa fraqueza; que não sabemos querer e não queremos saber — pusilanimes e ignorantes; que somos um povo que, se tivesse meios para concorrer à Exposição Universal de 1889 e, concorrendo n'ella, tivesse a coragem de se fazer representar pelos seus legitimos productos, pelas suas instituições peculiares, deveria levar ao Campo de Marte, enramados de louros, sobre peanhas de ouro e sob redomas de crystal — o escravo, o *capoeira*, o *testa de ferro*, o *secreta*, o *subdelegado*, o jogador de *vermelhinha*, o *manda-chuva*, o *bilontra* e o bacharel.

Envergonho-me de ser brasileiro quando vejo e considero taes cousas; então se me affigura que o mais pobre, o mais mesquinho paiz da Europa — a republiqueta de Andorra ou o principado de Monaco, — é mil vezes superior a este ianenso, a este riquissimo Brazil.

Entretanto, alguns dias ha em que julgo ser o Brazil o paiz ideal, o unico a eleger por quem, nascido no espaço ou sobre um lenho sem bandeira, no alto mar, precisasse e quizesse uma patria; dias em que me alegre e ensoberbeço de ser brasileiro. Taes foram aquelles em que, quando nós em guerra com o Paraguay, se alistaram centenas de filhos — familias, abandonando-as pela Patria, para vestir a farda e empunhar as armas de soldado voluntario; aquelles em que todas as senhóras, as mais ricas e as mais fidalgas, trocavam os seus prazeres e o seu luxo pelo trabalho, fervoroso e sancto, para mandar fios, medicamentos, soccorros e lenitivos, aos seus irmãos em campanha; aquelles, enfim, em que a população delirava de jubilo ou emmu-

decia de raiva e pejo, quando chegava a noticia de uma victoria ou de uma derrota das nossas armas.

Senti-me orgulhoso e contente de ser brasileiro quando vi este povo festejar a redempção do Ceará, fazendo a um obscuro jangadeiro honesto uma recepção de conquistador romano, reentraudo os muros da *Urbs*; quando vi esta capital prestar à memoria de Camões, no tricentenario da sua morte, o preito o mais solenne, mais estrondoso e mais significativo de que ha lembrança; quando a vi correr em massa, soffregamente, a mitigar com assistencia — não com esmola — de opulento piedoso, os horrores dos terremotos na Andaluzia e das inundações em Portugal, e a tantas outras obras de confraternidade, ua desgraça, de partilha de haveres, na miseria; quando assisti ás festas que teve, ao regressar de Italia, Carlos Gomes etc...

Sinto-me bem no meu Brazil quando vejo victoriados no Estrangeiro patrios meus como os Drs. João Baptista de Lacerda, Domingos Freire, Barbosa Rodrigues e Ferreira dos Santos; e quando vejo victoriados aqui estrangeiros como Sarah Bernhardt e Giovanni Emanuel — dois artistas que, pela extraordinaria grandeza dos seus talentos e pela originalidade, pelo *anti-rococóismo* de seu trabalho, não era natural fossem tão facilmente comprehendidos nem tão calorosamente applaudidos.

Mas ha muito tempo que eu não sentia tão amplamente e tão consoladoramente a alegria de ser brasileiro como senti no dia em que chegon a esta cidade — Ramalho Ortigão.

Desde que se noticiou o dia certo da chegada d'esse escriptor, entrou a lavar a curiosidade em todos os animos, tornou-se elle o assumpto mais encontradiço, mais frequente de todas as conversações.

Não era uma curiosidade particular dos patrios d'elle, não era o entusiasmo *chauvinista* que acclamou Serpa Pinto e, ultimamente, Eduardo Brazão. Era a curiosidade de todos os que, tendo a fortuna de ler, não tinham o direito de se conservar tão indifferentes à chegada de Ramalho Ortigão como, por exemplo, á do capitão e pianista Voyer; era o entusiasmo de todos os que, comprehendendo o que lêem, não tinham o direito de uear mazorra-meute frios ante a expectativa de ter perto de si, vendo-o e falando-lhe, o grande educador popular, o grande critico revolucionario, o grande estylista moderno que fez as *Farpas*, escreveu *A Hollanda*, organisou a apothose portugueza de Camões e quizenalmente nos illustra o espirito e despolla o baço na *Gazeta de Noticias*.

Em volta *Seuegal*, o mar, na distancia de algumas milhas, ficou litteralmente coalhado de embarcações, que, apinhadas de admiradores, foram ao encontro do illustre critico, e Deus dá saúde a quem, tendo lá ido, com um desejo furioso de apertar-lhe a mão e agradecer-lhe a gentileza de uma carta recebida dias antes, teve de voltar para casa com o nariz de quem, tendo ido a Roma, para ver o Papa, de lá voltasse sem ter visto mais do que... o Vaticano.

O caes estava cheio de pessoas avidas de ver, apesar da noite que se ia cercando, a cara, ao menos o chapéu do grande homem; e para este poder tomar o carro que o esperava foi-lhe preciso romper pela multidão com a mesma arte com que se esgueira o me-

liante que empalmou o relógio do visinho e vem pistado de longe pela policia.

Fiquei contente e orgulhoso dos meus e de mim, no ver que na capital do imperio se fazia uma recepção tão expontanea e tão gentil, sem charanga nem fogueite, a um homem que tem gasto toda a sua vida, não a fazer embasbacar platéias, ou a «descobrir Africa» ou a esbandalhar o seu semelhante n' ferro e a fogo, — mas unicamente, mas simplesmente a cobrir meias folhas de papel de linho com garntujas de tinta roxa.

Nem tenor, nem tragico, nem explorador de continentes, nem escachador de tigres, nem escachador de exercitos: — apenas escriptor; escriptor sem commenda no peito, sem corôa de barão á cabeça, sem *chêques* sobre o Banco de Londres na algebeira; escriptor *simplex*, sem malho de fidalguia, sem tempero de officialismo, sem polvilho de ouro, escriptor, enfim, sem nada que pudesse fazer suppor que não era só como fornecedor de combustivel intellectual ás locomotivas Alauzet e Marinoni que era elle bem acolhido e festejado.

Esse facto tem um alcance, uma significação maior do que pareço ao primeiro exame. Vou dizer porque.

Até hoje o «pio leitor» brasileiro — honra-lhe seja! — tem mostrado, portodos os modos acreditar que os livros não são feitos por ninguém, que apparecem acabados, promptos, nas livrarias, como *in illo tempore* apparecia na terra, pela manhã, o maná celeste com que se alimentavam os hebreus em caminho da terra da Promesão.

Essa entidade que alguns fantasistas de boa intenção concordaram em designar por este vocabulo «auctor», era tido em tão baixa conta, por tal modo considerado pelo supradicto «leitor pio», que este lia um livro, da primeira á ultima linha, sem sentir a curiosidade de verificar o nome de quem o escrevera, consultando para isso effeito a lombada do volume, ou o seu frontepicio; e assistia a uma peça, da primeira á ultima scena, gostando muito ou não gostando nada, sem, contudo, indagar qual o nome do auctor d'aquillo, para dizer d'elle, batendo com as palmas das mãos ou com os tacões das botas: «E' um genio!» ou «E' uma besta!»

Creia o illustre critico — se ue dá a honra de ler-me, — que não exagéro nada.

Nó Brazil, um deputado eleito por Matto-Grosso, Goyaz, ou outra provincia assim inverosimil, que só tenha feito em toda a sua vida este acto heroico: — deixar-se eleger, que seja burro como um burro e mudo como um peixe, é incomparavelmente muito mais popular, muito mais conveado e discutido, muito mais famoso do que um pobre auctor de vinte romances ou de vinte mil versos.

Entre nós, quando um poeta ou um prosador, — ao cabo de se baver arruinado a edictar-se a si proprio e de haver obrigado bom numero de cidadãos incautos a ficar com as suas obras... de graça, e de estar farto de se ouvir chamar celebre pelas gazetas — se julga em caminho da notoriedade, para fóra do reposteiro negro da obscuridade, passa um dia, inesperadamente, pelo amargo deenganço, pela horrivel decepção de ouvir perguntar-lhe um de seus collegas de repartição ou um dos seus habituaes companheiros do café, do bond, ou da charutaria:

— Como?! Pois tambem Você é litterato? Não o eabia!

Aquello *tambem* é característico; e, como symptoma, vale bem um imperio. Aquelle *tambem* representa o doloroso espanto que nos causa o descobrir que um unico nosse, a quem muito prezavamos, de quem diziamos em extasi: «Uma perola!», *tambem* desceu à pullice de fazer uma cousa que todos fazem, ou que só não faz quem não quer.

Aquello *tambem* você quer dizer: «Homem, eu julgava-o com bastante espirito para não se equiparar ao meu barbrão — fazendo o que até elle fazendo o que *tambem* elle é. Estou parvo! O facto, pois, de se agitar esta população, espicaçada de curiosidade pela pessoa do Sr. Ramalho Ortigão, até ao ponto de ir vel-o a bordo do paquete que o trouxe, de ir esperal-o no caes do desembarque, de correr ás janellas e ás portas para o ver passar, é a prova mais cabal e mais aingularmente decisiva do excepcional prestigio, do extraordinario merecimento do Sr. Ramalho Ortigão; porque este nosso illustre hospede, não só *tambem* é litterato, como nunca foi, não é, e não pretende nem ambicionar ser outra cousa.

Por este simples facto, «po leitor», façe-me tu agora a fineza de calcular o valor do homem que ora nos honra com a sua visita; calcula-o, enquanto eu descanso a penna e a tua illustrada attenção.

VALENTIM MAGALHÃES.

CARTAS PAULISTAS

II

17 de Agosto.

O Olavo manda-me dizer que é chegada a minha vez de rabiscar uma carta paulista...

Mas o malvado não me quiz emprestar a penna de ouro com que escreveu a primouira. Paciência. Servir-me-ei d'esta pobre penna de ago. tão prostituida pelo infamissimo trabalho de resumir theses... de *Direito Ecclesiastico*...

S. Paulo voltou aos seus eixos, isto é, voltou ás suas noites.—longas e crísticas,—feitas de insipidez e de garón, aos seus dias quentes e poeirentos, ao seu monotono movimento do cidade procipliana, e ás suas pequeninas intrigas politicas...

Foi-se o grande espirito que por alguns dias animou esta frigidissima Paulicéa, foi-se o grande homem que veio fazer uma verdadeira revolução na capital artistica do Brazil,—como lhe chamou Sarah Bernhardt,—desde a Liberdade até ao Braz, desde o Campo dos Curros até á Tabatinguera...

Lá se foi para Campinas... e d'ahi irá para Santos, e de Santos para a corte, e da corte... ai de nos! para a Italia—aquelle assombroso genial Emanuel, o Othelo terrivel do immortal poeta inglez, o mysterioso Hamlet, o desditoso Conrado, o espertalhão Mercadet, o Nero devasso e covarde... Ai de nós! Lá se foram todos, todos esses grandes personageus, com cuja vida nos consubstanciámos por umas poucas de noites e que nos deixaram no espirito tantas e tantas impressões...

Infelizes que somos agora!

Mas... se lembrar é viver outra vez. —como disse um sujeito qualquer— recordemos na festas que ao grande actor se fizeram na capital da patria paulista.

Generam os profios, saltaram dos dicionarios os adjectivos mais retumbantes, fizeram-se versos, perpetraram-se discursos, promoveram-se banquetes, organisaram-se passeiadas, effectuaram-se, em summa, manifestações de toda especie em honra do unico e verdadeiro interprete de Shakespeare.

O beneficio do extraordinario artista foi um dia de grande gala para a Arte.

O S. José encheu-se litteralmente, e Emanuel recebeu uma das maiores ovações a que tenho assistido em theatro: flores em profusão juncavam o pulco, em meio de calorosissimos applausos, todas as vezes que o artista vinha ao proscenio, e quando ao terminar o 4º acto do *Kean*, Emanuel entregou duas cartas de liberdade, proferindo, comovidissimo, um tocante discurso,—para muita gente a melhor peça da noite,—rebentou uma tempestade dos mais entusiasticos bratos que tenho ouvido a platéias em delirio.

E o eminente tragico vio-se envolto nos braços dos amigos, que lhe foram render todas as homenagens possiveis.

Immensos ramulhetes de camelias e violetas, retratos, joias, pompos, coroas, e um bello *Album da comedia franceza*,—offerta dos academicos—atopetavam o camurim de Emanuel, sem falar no sem numero de lenços e chapéus que vovam de todos os cantos do theatro.

Uma verdadeira noite de grande gala! Infelizmente, porém, a todas as cousas sérias anda sempre appensa a ficelle do ridiculo.

E' o caso que, depois do espectáculo, levado em triumpho o festejado artista, ao som de musica e de foguetaria, até ao Grande Hotel, houve tres tentativas... de assassinato por oratoria.

Grças, entretanto, a alguns benemeritos cavalheiros, abafaram-se as explosões da *verborragia*, não havendo discursos a lamentar.

Ainda bem que d'esta escapou Emanuel, assim como de um sinistro *retrato a oleo*, que esteve impuamente exposto durante oito dias no Garraux, e que por um triz lhe teria sido offertado, com o competente cortejo de *charanga, discurso e copo d'agua*... Livro! Coisu singular:

—Deu-se em S. Paulo o mesmissimo facto que se passou ahi, durante as representações do *Othelo*, e que foi, se me não falbu a memoria, censurado por Arthur Azevedo, no seu apreciadissimo *Palanque*:—as gargalhadas inexplicaveis da plateia em certas passagens d'aquella peça, bem como outros lances, eminentemente dramaticos, do *Nero*.

Emanuel não foi feliz com os seus especta dores de S. Paulo. Nas primeiras representações, grande numero de crianças de peito, provavelmente desmadas de fresco, organizaram uma verdadeira orchestra de gritos: Prohibiu-se-lhes a entrada no theatro por um aviso muito cortez. Pois bem, o espirito não entendeu de interromper os espectaculos por outro meio, e mandou o defluxo. E toda a gente a tossir, a expectorar, a espirrar constantemente... Um inferno!

Atalhou-se o mal com o *Narope de Cambará*... Veiu a sandice. E os idiotas entraram a rir perdilunemente, nas

scenas mais commoventes do repertorio de Emanuel...

Exquisito, não acham?

S. Paulo prepara-se para receber o Sr. Ramalho Ortigão, outro grande artista muito mais conhecido nosso que esse assombroso Emanuel, surgindo subitamente, modesto e ignorado, de um cantinho do velho mundo.

E' facil de calcular a anciedade em que estamos todos por ver o pacifico revolucionario das *Farpas*, por the falar, por lhe ouvir a palavra, brilhante e concettosa de certo, como os lumpejos de sua penna diamantina. A academia, porém, ao que parece, não quer ver em S. Paulo o illustre escriptor portuguez.

Prepara-lhe uma ovação. Tanto basta para que Ramalho renuncié a viagem a estas terras de Amador Bueno.

Eu imagio a impressão de contrariedade que causou ao grande critico, quando soube que taes manifestações se prepararam aqui, a medonha perspectiva de uma banda de musica com estandarte á frente, de uma massa compacta de povo que solta vivas a tudo, de um uancebo pallido e desgrehado que tira correctamente da algibeira do crasco umas tantas tiras de papel, e começa a ler, tremulo de emoção:

—« Mestre!

Horriovel!

Não; não tenho mais esperanças de ver em S. Paulo o Sr. Ramalho Ortigão.

ALFREDO PUJOL.

«VERSOS E VERSÕES»

DE

RAYMUNDO CORRÉA

Apenas um pezar, e um grande pezar, fica a opprimir o espirito do leitor, ao fechar, na ultima pagina, este extraordinario volume dos *Versos e Versões*: E' que não haja entre nós quem possa, competente e imparcial, estudar este poeta, louvando-lhe sem excessos as boas qualidades e censurando-lhe os defeitos sem inveja. Porque o Brazil, que tem poetas como Raymundo e Alberto, jornalistas como Ferreira de Araujo, romancistas como Machado de Assis e Aluizio, e *conteurs* como Lucio e Valentim, não possui um critico que, digno d'esse nome, possa dizer a verdade, não só com competencia, mas com imparcialidade tambem.

E Raymundo Corrêa chegou ao periodo em que o poeta deve desprezar todos os artigos louvaminheiros e todas as criticas azedas, para confiar exclusivamente no criterio de uma critica futura.

Quem escreve estas linhas confessa-se de todo incapaz de dizer d'este livro qualquer outra cousa que não seja a expressão do maior entusiasmo e da admiração mais convicta. E' um apaixonado: não lhe procitem no que escreve a menor pretensão de vir trazer a publico um estudo critico da obra inimitavel do poeta. Um unico motivo o impelle: talvez com a leitura d'este artigo, alguém haja que, levado de curiosidade — porque só por curiosidade se lêem versos no Brazil—procure coaclear e admirar no lo riquissimo thesouro de sentimento e de arte que

lha profusamente espalhou pelas 200 paginas dos *Versos e Versões*.

Eu tenho para mim que ninguém, tendo lido os alexandrinos com que abre o volume, poderá fugir á tentação de percorrel-o todo, sem forças para arrancar os olhos da leitura, interrompendo por um momento a sensação suavisima, que delicia e embriaga o espirito, da primeira á ultima pagina. porque o estylo d'este poeta é como uma larga torrente de on-las sonorras e vivas, rolando pol-tras azedas e turbillhões offuscantes de ouro fulgido. Ai de quem, posto á margem, incauto e saccado, lhe ouve um momento a harmonia encantada das aguas! Chegase para junto dellas, e a viae, deslumbro e seu forças, tarronta a baixo, de imagem em imagem, de trocadilho em trocadilho, de surpresa em surpresa!

Raymundo Corrêa com os *Versos e Versões* e Alberto de Oliveira com os *Sonetos e Poemas* marcaram definitivamente a nova phase da poesia brasileira e assignalaram a direcção que de hoje em diante será seguida por todos os poetas que se lhes succederem.

Adeus! adeus, *gladio da Justiça*, e *sombra do Infinito*, e *hyena da Tyrannia*, e *nariz de Falstaff*, e *dragão do Nada*, e troços de todos os tamanhos e chapas de todos os feitios! Já era tempo que alguém, libertando-se da perniciosa influencia que Hugo, Byron e Junqueiro — a luterados e estragados por uma geração de ineptos — vieram exercer na poesia brasileira, soubesse encontrar um novo molde, mais humano e mais simples, em que a alma do poeta possa melhor expandir-se e cantar.

São dois parnasianos os reformadores, dois *impassiveis*. Louvada o abençoada seja a *impossibilidade* dos dois maiores poetas que o Brazil tem produzido depois de Gonçalves Dias!

Pudessem todos os *hugonanos* exaltados, todos os sectarios ardentes dos arrojos altissimos de Castro Alves e dos desbragamentos de linguaçem de Alvares de Azevedo,—com todo o seu arsenal de desvairadas hyperboles,—commover tanto como estes dois deliciosos *impassiveis*!

São os dois mestres consagrados e incontastaveis, tendo cada um o seu estylo diferente, empregando cada um o seu processo especial.

Alberto tem o esplendor da linguaçem, o maior poder descriptivo que tem apparecido em poesia brasileira, a pureza immacula do dizer, a opulecia deslumbrante do vocabulario. Raymundo tem a sobriedade encantadora do estylo, a harmonia e suavidade do verso e este extraordinario poder de produzir os maiores effeitos com os meios mais simples.

Ha na poesia — *Versos a um Artista* — uma estrophe que é, a meu ver, a proffissão de fé litteraria do auctor:

... piata-a não em vasto perystillo  
De capitels corinthios, mas n'aquella  
Sobria feição do estylo dorio: estylo,  
Que, por mais impes, mais proprio d'ella,

A Nissia, a que se referem as maravilhosas estrophes d'esta poesia, é a musa do poeta.

E' aquella *belleza antiga* a sua musa, aquella belleza grega, simples e inexcusavel, que fugiu do mundo com o ain-

cel de Apellis e o estylo sobrio dos poetas da Hellade: é a belleza de corpo, de linguagem e de sentimentos da raça antiga de que escreveu Emilio Souvestre: «mais ce qui me frappe c'est ce culte de la parole et ce goût de bien dire. Qui donnait donc à ces nations le loisir de sculpter et de polir le langage? On était donc la classe illetrée chez ce peuple, dont les marchandes d'herbes reconnaissent Theophraste, parce qu'il parlait trop purement?»

E' Nissia a musa do poeta. Não a quer elle nua e impudica; quer poupar-lhe ás faces a onda purpúrea, e recomenda:

Deixs que a roupa avata  
Do peito o virginal thesouro esconda  
E o mais, até onde, perfeita e clara,  
A barrige ds perna se arredonda.

Basta-te á vista esperta  
Revelar-se através do linho grosso  
O alabastro da espalda mal coberta  
E o Paros do pescoco.

Mas tambem ordena que a pintem com

O ar de castidade austera  
Que ás semi-deusas da Odysséa s'eguala.

Quer vél-a no Olympo, dominando-o  
todo com seus preciosos olhos verdes,

Ou da barpa antiga os mysticos segredos,  
De Sappho as odes, de Thimoteo os hymnos  
Frenetica arrancando com seus dedos  
Longos e alexandrinicos.

Quer, em summa, que o artista a colloque em meio a um Parthenou.

Sem os crespos florões de acantho e louro,

constantemente vestida, mas não vestida á moderna, com a belleza prostituida pelos enfeites ridiculos da moda.  
Esta é a sua musa.  
E isto que elle diz ao artista

Um quasi nada basta emim que traia  
Ao teu olhar agudo,  
Para que este deduza, tire e extraia  
D'aquelle quasi nada quasi tudo—

é a que elle proprio sente e pratica.  
Basta-lhe um quasi nada — meia duzia de palavras vulgares — para que o seu talento extraia d'aquelle quasi nada quasi tudo: — a phrase mais perfeita e harmoniosa.

A's vezes não é de todo sobria a phrase: accumulam-se os adjectivos, succedem-se os adverbios.

Sirvam para prova:

Porque atraz de uma vaga esperanza  
Fatua, aerea e fugaz, frenetica....

Pequenos, microscopicos, cbinezes...

Tenué, longinquas, branda, solitaria...

...spenas, mnto a medo,  
Fugaz e só em rapidos instantes,  
vaga e indistinctamente...

Mas nesses poucos casos em que o poeta sacrifica a sobriedade á precisão, ganha a idéa que fica mais justamente expressa — submissa e captiva dentro do circulo de ouro do seu estylo impeccavel.

Outro caracter tambem muito saliente do estylo de R. Corrêa é o joga de palavras repetidas, trocadas, invertidas, contra-postas—verdadeiros jogos malabares em que se compraz este artista nervoso e irrequieto, que sabe transplantar para seus versos toda a exquisita mobilidade, toda a frenetica agitação de seus nervos. Porque é preciso conhecer de perto o Raymundo, tractal-o por muito tempo, para poder apreciar completamente a sua obra.

Ha, por exemplo, nos *Versos e Versões* um soneto *A Horacio Flacco*—um primor de concepção e de forma—que é talvez a pagina mais sincera do livro. Não é, no sereno Horacio, a sobriedade de sua musa o que mais lhe inveja o poeta, nem o seu bom senso, nem o seu engenho, nem o seu estylo verdadeiro:

Mais invejavel digo que é, e julgo,  
A sciencia não vulgar de em companhia  
D'ella e olvidado do profano vulgo,

Dentro em ti mesmo achares essa pura  
Paz de espirito e essa intima alegria  
Que dabalde entre os homens se procura.

O profano vulgo! E' este vulgo profano que o cerca e no meio do qual procura em vão a paz para o seu espirito doente e agitado, é esta onda negra da imbecillidade humana que em torno d'elle torvelinha e espuma—é isto o seu tormento e o seu desespero maior.

Tambem que pessimismo doentio respiram alguns de seus versos! como se vinga o poeta da mediocridade dos outros!

E' elle igual em tudo áquelle chorado Arthur Barreiros, cuja morte é cantada numa das mais bellas poesias do livro:

Este a que o mundo olbar e ouvido  
Tapa e detesta,  
Que fala á turba e é sempre d'esta  
Incomprehendido:  
Ante ella a fronte, onde lhe brilha  
Rutilo estemma,  
Digna de régio e aureo diadema,  
Jamais humilha.  
Se a esponja esgota, em sorvos lentos,  
Que o humor amargo  
Abeberou do oceano largo  
Dos soffrimentos;  
Tambem um sacro fetichismo  
O alenta; e, errante,  
De sonho em sonho, ell-o em constante  
Sonnambulismo.

São o retrato vivo de Raymundo estes versos. Já num esplendido artigo publicado n' *A Semana* estudou Lucio de Mendonça este adoravel rapaz, este extraordinario e modestissimo poeta, que poucos amigos conta, apezar de suas muitas e raras qualidades, e que por poucos tem sido inteiramente comprehendido e amado.

E' que não ha muita gente que possa entender e desculpar a singular doença d'estes divinos doentes...

A philosophia de Raymundo,—porque ha muita philosophia nos versos d'este *impassivel*—revela-se em cada uma das paginas de seu livro. Leiam-se *Temor*, o *Misanthropo*, *Versos á memoria de Arthur Barreiros*, a *Horacio Flacco*, *Job*, as magnificas quadras *Sobre Schopenhauer*.

Mas, ao lado de tudo isto, que deliciosas paginas de sentimento purissimo, que inesgotaveis thesouros de poesia lyrica!

Citarei, para nads mais citar, os ter-

cetos—*Luisinha*—que são, a meu ver, a mais vibrante e colorida peça do volume.

Leiam-n'os, leiam todos os *Versos e Versões* n'elles que ainda, para sua vergonha, não tiverem saboreado o riquissimo livro de Raymundo Corrêa. Leiam-n'os e ficarão habilitados a julgar do grande merecimento d'oste poeta e a desculpar a inveja dos que o perseguem—E se quizerem dar-lhe a recompensa do muito prazer que lhes causar, e aos seus perseguidores um castigo qualquer, façam a applicação dos bellissimos versos—*A Stenio*—uma das melhores paginas do livro.

S. Paulo, 5 de Agosto de 1887.

OLAVO BILAC.

## FORTE E FRACO

Quando os meninos vêem passar na rua  
Um cão, em cujos olhos distrahi-dos  
Um t-que melancolico attenua  
A altivez de dos cães nos olhos vê-se,  
Cercam-o. Em todos lê-se

O traiçoeiro desejo criminoso  
De perseguil-o pela rua fora  
A's pedradas, aos gritos, aos rugidos.

O pobre cão medroso,  
Conhecedor dos homens, pára... A'quelles,  
Que mal lhes faz que vá, como deseja,  
Colber um osso, embora  
Nua branco? Mas nelles  
Adivinha inimigos: volta. A' frente  
Saltam-lhe os pequeninos saltadores.  
Este pedras lhe atira, outro pejeja  
Por tirar-lhe as orelhas fora.

Emtanto,  
Paes e mães, Jas janellas, insensíveis  
A's lancinantes, pungitivas dores  
Do cão, applaudem calorosamente.  
Os paes e as mães applaudem, sublinhando  
Traços proprios nos filhos, mais visíveis  
Provas de identidade,  
De parentesco e de similitude...  
Pois nos homens das mais diversas côres  
E mais varia virtude,  
O traço dominante é este: applaude  
ê homem, visivelmente satisfeito,  
— Ou seja duro ou nos pareça brando —  
Quem persegue, quem bate,  
Em seu proprio proveito,  
Outro que evite, e furte-se ao combate;  
Que, mesmo em frente aos fracos e pequenos,  
Com a propria fraqueza apenas conte;  
Que na fuga não páre, e nem ao menos  
Possa os dentes mostrar, com que amedronte.

J. DIAS DA ROCHA.

## TRECHO DE CARTA

Meu caro Olavo Bilac.

Li ha pouco sobre os *Versos e Versões* o artigo que publicaste na pagina litteraria do *Diario Mercantil*, de 7, um dos numeros mais felizes d'este jornal.

Estou contigo no que dizes do nosso Raymundo; merece elle, a todos os titulos, quanto de mais alto louvor possam produzir a tua, e as adamantinas pennas de todos os que, não melhor do que tu, se presam de escrever com seriedade na lingua bella e difficil em que praticamos.

Raymundo é poeta e dos melhores do mundo. Tem todas as qualidades das que, pela Arte divina, conseguirmos romper os paradões de bronze dos tempos, e, sublimes de canção e de genio, sahir lá fóra, nos dias claros da immor-

talidade e da gloria. Assenta-lhe bem a corôa de louros com que o apresentas á cõga multidão, fatua e má, esquecida e ignorante dos divinos cantores que por ella passaram, e dos que ninda sgora atravez d'ella se vão, desperdiçando em versos a sua alma de cysne.

Teu estylo, á feição de um cinzel, rasgou, poliu a maie bella pedra marmorea, para d'ell' extrahir a imponente estatua do glorioso poeta. Extrahiste-a, apumaste-a no pedestal, dêste-lhe o teu culto de artista e... porque nunca esteve só o teu coração, mas a outro coração sempre unido, não quizeste a tua obra sózinha. Era preciso um par á brilhante figura e, ai de mim! fui eu, no meu barro humano, o sacrificado do divino trahalho. Trituraste-me duas, tres vezes, amassaste-me, tomaste o bolo, cavaste-lhe uns olhos, rasgaste-lhe uma bocca, abriste-lhe uns dedos, e, prompto: olha o Alberto! olha o *pendant* á formosa estatua!

Ah! meu amigo, não chego mais a tempo de pregar-me um tremendo empurrão e ficar nos calhás da minha obscuridade; mas vae d'aqui, armado de sete lanças, este protesto contra o que, incidentalmente, escreveste de minha pessoa. Raymundo não tem par em nossa litteratura.

Esta é a verdade.

Puxar-me da Engenhoca, mandar-me que cresça e por-me juncto ao grande poeta, só lembraria ao meu Olavo. O auctor da *nenia* á morte de Arthur Barreiros nunca terá um companheiro de sua estatua. N'este ponto, arremettendo ás alturas do pensamento, será como uma agulia isolada, uma sorte de *misanthropo* da gloria.

Reconheço o que valho para comprehender a minha disparidade com elle. Andaste mal, equiparando-nos. A meu lado, produz elle sobre mim o effeito das cathedraes sobre os pequenos albergues: achata-me, ridicularisa-me. Quem com tanto saber produziu aquelle admiravel livro dos *Versos e Versões*, repito, está só, não tem que se lhe aproxime ninguem: Como arvore immensa, por onde estender-se, achará tudo vasto de outra existencia, porque é esta a verdadeira grandeza, a que se isola de tudo. Só na queda os grandes homens, como as arvores enormes, é que vêm ao conhecimento da immensa população que lhes ferve aos pés, e em cujos braços elles se vão despenhar, rugidores e horriveis, a muitos arrastando em sua ruina.

Deixemol-o, pois, ao nosso poeta. Tu, por outra vez, ou elimina esse coração, que a ambos nos comprometes, ou estuda melhor a sciencia dos confrontos.

Foi de teu artigo a parte que me desagradou, esta em que me apresentas como poeta, de mãos dadas ao nosso Raymundo; tudo o mais honra-te e a mim, que tenho como meus os teus bellos triumphos. Abraço-te.

ALBERTO DE OLIVEIRA.

Engenhôca, 9 de Agosta.

## BILHETE DE PARABENS

A VALENTIM DE FIGUEIRÔ

Não podes calcular com que prazer encontrei hoje, ao chegar ao escriptorio d' *A Semana*, o lindissimo cartão em que me participas o teu casamento.

Realments muito devo merecer-te para que furtas, assim, à tua deliciosa lã de mel uma ou duas horas para trabalhar o delicado e precioso primor artistico com que me brindaste. Bem se vê que elle foi pintado por um cassidinho do fresco, tendo ao lado o sorriso meigo, os olhos humidos de affecto e as mãos brancas da esposa, a chegar a enxi das tintas, a dar-lhe os placcis, a espiar o trabalho por sobre o hombro do artista, e recompensando-lhe as bellezas com beijos discretos, com beijos apenas esboçados, para não perturbar-o.

Bem se vê tudo isso na delicadesa do desenho: uma trepadeira vermelha, fechando-se em oval, coroada por um grande galho de jasmineiro de folhiolas verdes e douradas; no mimo e na frescura das letras da inscripção: « Ao omigo Valentin Magalhães, João Valentin de Figueiró e D. Leonor Nogueira Valentina de Figueiró participam o seu casamento. Barra da S. João, 31 de Julho de 1887. »

Encantadora, sabes?, a paizagenzita que pintaste no angulo inferior esquerdo do teu primoroso cartão.

Deve ser algum ponto d'essa terra, que d'ora avante será para ti o paraizo terrestre porque nella foi que alcançaste a suprema ventura, o supremo ideal na terra: a tua bóa o amantissima Leonor, a quem offerceas todos os teus trabalhos, em uma dedicatoria trcseds a letras minusculas, num cantinho do quadro ou do cartão. Como que, sssim, lhe dizias:

« Olha, vó, meu amor, isto é teu, todo o meu trabalho devo'to, a ti; porque em ti penso nas horas de trabalho como de repouso, porque vem de ti o estímulo que inspira o meu talento e impulsiona o meu braço, a luz que enlára, estrella e diamantisa os meus quadros, as minhas phantasias calligraphicas; o vida, emfim, de que vivem estes arabescos, estas flores, estas letras, estas illuminuras; a vida que aeoolóre, que as movimenta, que as espiritualisa. Não é teu o meu coração? Não é teu o meu pensamento? Pois quanto produza este, quanto se inspire naquelle é tudo teu e a ti o dedico e consagro e offerço. »

Que placidez, que espelhamento o d'aquellas aguas! que poesia naquella egreginho, branquejando ao alto de um monte, sob o esgarçamento caprichoso das nuvens no céu risonhamento azul, emquanto um barquinho desliza mollemente, reflectindo na agua a sombra perpendicular do seu mastro!

Obra de artista este cartão, e de artista noivo, de artista esposo, de artista feliz.

Já caducou e morreu aquella theoria assolladora do Cornioli, na *Daita*, de que o artista precis de ser desgraçado para ser grande, de que o melhor tempero para as tintas são os lagrimas.

Deixa que nos chamem burguezes, meu caro Figueiró; não ha outra fonte de inspiração mais fecunda e sã do que a ventura domestica, do que a paz e o aconhego quente de um lar obscuro, em que se ria e cante uma mulher honesta e bondoso, que nos ame, e papagueiem, saltem e traquinem crianças robustas e meigas.

E, respondendo á tua gentilissimã participação, os votos que faço resumem-se neste: que não falte nunca ao teu talento e ao teu coração de artista essa abençoada fonte de suggestões e de inspiração para o trabalho, e que a Musa da Familia te atapéte de flo-

resa estrada que todos nós, artistas, palmilhámos, afadigados, em busca d'esse tão sonhado, tão querido, e quantas vezes! tão cruel ideal!

Rio, 18—8—87.

VALENTIM MAGALHÃES.

IDADE DE OURO!

A RODRIGO OCTAVIO

*Postas de um tempo de ouro mais triumphants, Mais doces... como a vida vos corria... Entre os deuses, da taça inebriante Bebendo a longos sorvos a alegria!*

*Reis de Venus, que era a vossa amante, E de Vulcano... e em meio da ambrosia Das deusas nhas pelo bosque adeante Amorosos andaveis todo o dia...*

*Nós, se das nossas deusa sail queremos Nos rir, das proprias situações sobramos, E, gelados, de subito trememos...*

*Tristes ficamos, vendo um Deus exangue, Um Deus que chora como nós choramos, Em copiosas lagrymos de sangue!...*

S. Paulo, Julho de 1887.

EMILIANO PERNETTA.

NOTAS PHILOLOGICAS

Tenho entre mãos um compacto volume de maia de 300 paginas, sob o titulo de *Grammatica Analytica da lingua portugueza* (1).

E' um livro bem escripto, meditado e composto com muita arte.

O suctor é ainda jovem, mas, a psr de uma educação scientifica bsstente razoavel, possui um talento original, independente e promissor dos mais bellos fructos.

Ha na obra do Sr. Maximino Maciel, mais de uma pagina digna da attenção dos homens doutos, para os quaes, entretanto, não foi o seu livro escripto.

Brevemente, creio, estará o Sr. Maximino occupando conspicuo lugar no *Instituto Philologico*; e desde já desejo fazer-lhe algums revelações curiosas. Foi o *Instituto Philologico* um dissimulado club da vaidade, em que, a pretexto de philologia, visavam os socios a discretos confabulações com o uosso inclyto monarcha.

De sorte que, sem a presença do Imperador, jamais foi vista a philologia domestica do instituto. Tão grande cuidado sa poz em que assim fosse, que certo *alguem* minusculo arranjou um paliudico aphorismo: *Pas de rot, pas de philologie*.

Com esse systema, tornou-se a vernaculidade um especie de appendice do conciliabulo palaciano, armado pela pallida cohorte desgrenhada dos grammaticos encanecidos diante de nm promome, e de olheiras cavadas pela ponta de um accento agudo.

(1) Recebi tambem, em momentos diversos, os *Pontos de Francoz* do Dr. A. Gomes, e a *Grammatica portugueza* dos Srs. Lameira de Andrade e P. Junior. Agradeço a offerta. Esses livros já receberam o juizo da imprensa fluminense.

J. R.

Se a alguém fosse lido o intento criminoso de premeditar uma sessão, era de toda a prudencia consultar a boa vontade do imperial figalo de Sua Magestade.

Succedim, frequentemente, alguns choques inevitaveis, quando, por exemplo, achavim-se em conflicto a imperial *synalepha* com a *synsepha*, mais modesta e amena lo professor Coruja. Nestas emergencias, os mesmos pallidos e magros philologos encerravam n sessão, numa grande violencia demagogica, convencidos de que nesta boa terra o Reitu lo faz e desfaz,—subdelegados e substantivos, inspectores de quarterão e innocuos adverbios.

Caso muito diverso, porém, se dava quando o Imperador assistia às sessões; a mesma truculenta legião dos mesmos philologos magros e pallidos, com formidaveis manuscriptos, clamavam, altiloquentes e graves, até que os advertiam de que o regio Houero começava a parecer um singelo e pescato dorminhoco.

Eis o que foi, é a será o *Instituto Philologico*, Sr. Maximino.

Se tem coragem, entre paru lá.

Se tem ainda maior disposição, estude consigo e realise a esperança de que o seu excellente livro offerce precioso attestado.

JOÃO RIBEIRO.

JORNAES E REVISTAS

O n. 7 da *Revista Mensal* do Club de Engenharia traz excellentes artigos sobre a Exposição dos caminhos de ferro brazileiros, discursos pronunciados por occasião da abertura da Exposição, o relatório do Club de Engenharia e outros trabalhos.

*Il Brasile* uma das mais importantes revistas italiunns, que apparecem no nosso paiz, dá-nos em seu numero 8 bons artigos sobre commercio, agricultura, industrias e finanças. Acompanha este numero um magnifico mappa da provincia do Rio de Janeiro, mandado organizar pelo presidente da provincia Dr. Fernandes Leão, para o serviço da imigração.

Ns sua primeira pagina dá-nos a *Revista Illustrada*, n. 482, um bonito retrato de Ramalho Ortigão e nas outras deliciosos desenhos consagrados a abolição dos escravos.

Texto variadissimo.

Está muito bom o n. 439 do *Mequetrefe*. O lapis do Netto *caricatura* com espirito os ultimos acontecimentos politicos e deu-nos dous bellissimos retratos: um de G. Emanuel, outro de E. Brazão.

Tamos o n. 5 da perfumosa e delicada *Violeta* que floresce na imprensa de S. Paulo. Contém excellentes trabalhos em prosa e verso. Do seu doirado cofre furtamos esta joia, do saudossissimo Adelino Fontoura:

FLOR

Toma esta flór—escanta-lhe os perfumes, retrate-se a pobresinha, meu amor, menos bella que tu, sente ciumes, não tem perfume junto aos teus perfumes: é menos flór que tu, mimosa flór.

O *Piaba*—orgão do Club dos Progressistas da Cidade Nova. Viva o Progresso e... *Mazize!*

Sob a direcção do Dr. Alambary Luz appareceu nesta corte uma folha quinzenal — *A Instrucção Publica*. A julgar pelos bons artigos com que se estraiou, creimos que o noval colleça terá carreira brilhante e gloriosa, satisfazendo plenamente os fins a que veiu a luz. São editoras Laemmert & C. A estes a no Dr. Alambary Luz, competentissimo em questões de ensino, damos cordiaes parabens pelo seu patrioticamente.

A.

O ORFÃO

Aquelle pobreinho que sil vas, Todo de luto, pela estrada a fóra, Como um pequeno passaro, sem pss, Sem ter, pra' repoussar, um ninho agora;

Aquelle pobreinho, véds-o, olhae! Cheio de fome, susgurso chora... Oh! vós que tendes filhos! anpase Esse orfãosinho que una dór devóra!

Desde manhan chorando o vejo assim: Mas ninguem o prótege, so miserande, Ao loiro e vagshundo cheruhim!

A mãe hontem morreu! Triste e sosinho, Póz-se a vagar então, sempre chorando, Como um pequeno passaro sem ninho!

FABIO LUZ.

FESTAS, BAILES E CONCERTOS

Pora aolemnisar o baptisado de um seu filho, organisou o Sr. Francisco Genelicio Lopes de Araujo, na noite de 15 do corrente, em sua residencia á rua do Areal, uma esplendida *soirée* dramatico dansante.

No elegante theatrinho, improvisado em uns das salas do predio, representaram-se as seguintes comedias em 1 acto: *Notas Falsas, Por causa de um folhetim*, e a *Baratinha*.

Tarminou o espectáculo com uma interessante scena comica original de João Lopes.

Tomaram parte no espectáculo pessoas da familia do distincto cavalheiro, desempenhando todas ellas com muito talento os papais a seu cargo.

Terminada a parta dramatica, principiou a dansante, que so terminou quando a Aurora com seus dedos cor de rosa etc.

Foi uma bella festa familiar.

Com o concenro de couhecidas artistas realizar-se á no dia 26 do corrente, no theatro D. Pedro II, um grands concerto, habilmente organizado por Milles. Felicité e Maria Augusta Petit.

TIO ANTONIO.

## BELLAS ARTES

## TRES EXPOSICÕES

## I

## EXPOSIÇÃO FIRMINO MONTEIRO

Sem a menor duvida Firmino Monteiro é um grande trabalhado. A exposição por elle organisa ta. em uma das salas da Academia de Bellas-Artes, prova claramente esta tão apreciavel quanto,—sem offender susceptibilidades dignas aqui, entre nos,—quanto pouco vulgar qualidade. Em dois annos compoz cinco telas historicas, pintou paisagens, fez estudos artisticos, visitou museus, educou o seu espirito. Trabalhou seriamente e seriamente investigou o adiantamento da arte em uma capital onde abundam as fontes de aprendizagem e todos os recursos para o estudo. E' este o caracter da sua obra, novn, pelo tempo em que foi pintada, e ainda nova, pelo modo de encarar o assumpto.

Os seus typos são pesados, vulgares, communs; são typos que nós encontramos ali assim, na calçada, na praça, sem a minima preocupação pela pose e pela apparencia. Não quero dizer com isto que sejam mal comprehendidos; não. Por este facto, algumas das suas figuras satisfazem plenamente a nossa exigencia. Entre ellas pôde-se apontar a do soldado romano que, no quadro *Venciuetoriz*, está no primeiro plano, á direita. E' uma boa figura, real, forte, estúpida. Devia ser assim aquelle soldado. Tambem é bem verdadeiro o typo do juiz; são estudos com observação alguns soldados no quadro *Joanna Angelica*, os frades da *Abjuração de Galileu*, e as figuras da tela *Lealdade de Martim de Freitas*.

Monteiro manifesta uma grande tendencia para a escola moderna, e, sem fazer d'isto cabedal de analyse, direi que a obra de Laurens influiu de alguma sorte na feitura de seus quadros. Mas, sendo a sua obra tão observada do real, e devendo ter, portanto, um aspecto facilmente sensível, porque não desperta ella uma impressão immediata no espectador? Por um facto simples. Em primeiro lugar: falta-lhe chamma, essa inexprimivel expressão do conjuncto, que faz pasmur ao primeiro individuo posto em frente da obra d'arte. Ha quadros muito bem pintados que olhamos juma, duas, tres vezes e nenhuma emoção nos despertam. Vemos que todas as figuras estão nos seus logares, que o desenho é soffrível, que o colorido é feliz e harmonioso, mas falta ao todo — vida, movimento, acção; para tudo dizer, falta-lhe o caracter essencial do assumpto. As telas de Monteiro estão nessas condições. Impressionam muito pouco, já não direi á multidão (postoque digam os mestres que a pintura moderna seja a da multidão) mas direi, a homens de espirito convenientemente educado. Tome-se para exemplo a *Abjuração de Galileu*, que, apesar de taes e taes erros, é um quadro pintado com enidad, e ha de se notar que á grandeza do assumpto não corresponde a grandeza da composição. Dirá o artista, entretanto, que foi assim que sentiu o assumpto; dirá (?) que foi assim que a Historia lho communicou; e, talvez accrescente — foi por essa maneira que André Le-

fevre o tratou nas paginas do seu livro — *La Philosophie*. Até ali não chega a nossa missão de critico. De critico! E' excellent. Fazer critica nesta bençoadá terra de *reclames* parece arrojado, se não é demencia. Mas ao caso: o critico nenhum direito tem de dizer ao artista que devia sentir por esta ou aquella maneira. Mas posso, como uma parte do povo, como escriptor, que sou, embora fastidioso, communicar sinceramente as minhas impressões, e mais ao do meu visinho e de alguns senhores que em mim delegaram seus poderes pela harmonia do nosso ponto de vista e das nossas opiniões. Assim pois, o meu visinho, os senhores supracitados e eu comprehendemos este solemne acto por uma maneira niuto differente da que ali está, e mais — que nenhuma emoção nos desperta o assumpto tratado por seus pinceis. Bem vejo que não é uma forma delicada de externar a nossa opinião, mas esta, que ali está, enlva perfeitamente o nosso juizo e sobre o ser clara tem a qualidade de ser positiva. Satisfazem-nos esses termos porque supponnos que um homem de sciencia, superior em seu tempo e gloriado pela Historia, ao retratar-se de uma verdade, que deseobriu e procurou vulgarisar, não comparece ao tribunal do Santo Officio como qualquer testemunha de vista, que vai, com a mão sobre o Evangelho, prestar o seu apoio á Justiça. Tambem supponnos que nos olhos de qualquer vendedor de ferros velhos este facto seja o mais simples do mundo, mas nos parece ser um caso grave e magestoso aos olhos de um artista.

Tenho em vista um quadro cujo assumpto poderá vagamente, muito vagamente, recordar a abjuração de Galileu, não por semelhança de composição, mas por analogia de logar onde e de typos. Este quadro, que conheço por uma phototypia, é o «Agitador de Languedoc» de J. Paulo Laurens. Ahí a scena é magestosa e sovera, a composição tem a imponencia que o acto inculca, as figuras, admiravelmente desenhadas, exprimem, sem a menor ficelle, a emoção por que passam ao ouvir as tremendas accusações que esse agitador faz cahir sobre a consciencia dos seus juizes.

Bem sabemos que F. Monteiro não poderá dar, tão cedo obras do valor das de Paulo Laurens; mas a nossa exigencia, talvez estulta, vai ao limite da critica litteraria que não admite poeta ou romancista de ensaio. O ensaio, nestas circumstancias, faz-se como se fazem os de theatro: em particular; ou como se executam exercicios de redacção nos collegios, ficando as provas na pasta do professor. Quando se tracta de assumpto do jaez d'este, ou se faz muito bem, ou não se faz nada. E' verdade que resa o dictado — cada um deve-se contentar com o que tem. Mas, que ferro! nestes teres é preciso a gente ambicionar mais alguma cousa. E se formos proceder por esta norma devemos pedir, desde já, a penna de morte para o sclerado que tentar extinguir o Sacco do Alferes e acabar com a febre amarella.

Em arte, como em litteratura, como em sciencia, como em commercio e industria, é forçoso ir além do que ha.

ALFREDO PALHETA.

(Conclue no proximo numero.)

## THEATROS

## S. PEDRO

## Companhia do theatro D. Maria II

Na terça-feira fizeram beneficio os estimados artistas D. Luiza Lopes e Baptista Machado.

O espectáculo foi muito interessante: a *Fedora*, representando Brazão brilhantemente o papel de Loris Ipanoff, e tres monologos em verso, todos originaes de Baptista Machado: *Rataplan* primorosamente dicto por Brazão; *O cahos* dicto com muitissima naturalidade por Augusto Rosa; e *Descuidos*, recitado com muita malicia pelo actor.

Os beneficiados receberam innumeras provas da consideração que lhes tributa o nosso publico. O camarim ficou cheio de presentes de gosto e valor, offerecidos tanto a Baptista Machado como á sua esposa. Mimos delicados e originaes, versos, joias, livros, *bibelots* de toda especie e flores em profusão.

Uma bella noite.

## PRINCIPE IMPERIAL

Na segunda-feira realisa-se a recita do auctor d'*O Barão de Pituaçu*, a espirotuosa e interessante comedia de Arthur Azevedo.

O espectáculo e as sympathias de que, com toda a justiça, goza Arthur Azevedo, devem attrahir grande concurrencia ao theatro na noite da sua recita de auctor.

E' justo que o publico renda nessa noite a sua homenagem ao nosso primeiro comediographo.

No dia 23, domingo, á uma hora da tarde, realisa-se o grande festival artistico, organizado pelo Vasques para commemorar o anniversario da morte de João Caetano.

O programma do espectáculo é attractivissimo. E' orador da festa o Dr. Ferreira Vianna, presidente do Conservatorio Dramatico.

P. TALMA.

## SPORT

O grande enthusiasmo, que nestes ultimos tempos, tem havido pelas corridas de cavallos é o resultado, lisongeire e prospero dos immensos serviços e do desinteressado impulso, que as nossas bem constituídas sociedades de corridas têm dado a esse ramo de industria tão necessario para as condições em que se acha o nosso paiz e sem que até hoje um só governo tivesse cogitado dessa indispensavel e urgente necessidade de possuir uma raça typica de cavallos, de que possa lançar mão para seus diversos mysteres, sem ir fornecer-se ao estrangeiro com immensos sacrificios.

Em nosso paiz —, infelizmente digamos, a criação de cavallos, industria que a pratica tem demonstrado ser urgentemente necessaria, só da iniciativa particular tem recebido auxilios.

Parabens no bonomerito Jockey-Club, que no domingo passado colheu mais um dos seus maiores triumphos.

O Grande Premio Jockey-Club obteve uma esplendida inscripção de doze annos do puro sangue, das melhores filiações e nas melhores condições de disputarem a grande somma de 12.000\$ ao 1º, sendo 3.000\$ ao 2º, 2.000\$ ao 3º e 1.000\$ ao 4º.

Sem errarmos podemos calcular que quatorze mil pessoas tomaram parte nesta festa hippica, que incoutestavelmente foi das mais importantes que entro nós tem havido. As espaçosas archibancadas, inteiramente repletas, apresentavam um aspecto deslumbrante diante do bello panorama que a natureza desdobrava aos olhos dos innumeros espectadores.

O ensilhamento, o recinto dos carros e as demais dependencias do Prado notavam-se pela extraordinaria concurrencia e com difficuldade do estabelecer o transitio impedido pela immensa multidão que veio desta vez congratular-se com os legitimos triumphos difficilmente conquistados do Jockey Club.

A hora determinada apresentara-se na raia oito parelheiros de primeira ordem Scylla, Satan, Diss, Cupidon, Phryné, Salvatus, Coupon, e Daybreak que iam disputar os 12.000\$ conferidos pela *iniciativa particular*.

O *stater*, com pouca difficuldade, deu a partida, fazendo disparar os valentes parelheiros que palmo a palmo e em um só grupo até 1400 metros disputavam a victoria. Passada essa distancia Cupidon, Daybreak, Disse e Satan conservavam a vanguarda, collocando so Coupou na ponta, Phryné em seguida e Salvatus proximo a esta. Aos 2000 metros Phryné com facilidade tomava a frente a Coupou cujas forças enfraqueciam pouco a pouco e Salvatus seguindo-a collocou-se em 2º e com toda a sua força perseguiu a sua competitora que a principio tomava distancia, mas aos 2400 metros já Salvatus conseguia estabelecer porfiada luta e vencel-a aos 1700 metros e na recta de chegada tomou a frente obtendo a victoria em 217 segundos. Satan que corria de alcance venceu ainda Phryné, que esgotada, pouca resistencia offereceu, passando-a e obtendo o 2º logar e Phryné o 3º logar.

Scylla, obteve o 4º logar e Diss com difficuldade o 5º logar.

Cupidon, Coupon e Daybreak não tiveram classificão.

Salvatus, percorrendo os 3200 metros, em 217 segundos, venceu gallhardamente os seus fortes competidores, revelando qualidades superiores, tanto de velocidade como de grande folego, chegando ao final do tiro em boas condições. Parabens a Coudelaria Cruzeiro, pelo brilhante triumpho, de que era mercedora.

Charybides, Victorious, Musico e New-York não correram. Rateio 47\$100.

Eis o resultado dos outros pareos:

O desafio entre Rondello e Argentino foi bem disputado, fazendo ambos esplendida corrida, chegando tão juntos ao poste, que deixaram duvidas sobre a victoria. Argentino foi considerado o vencedor em 111 segundos. Rateio 18\$000.

O 1º pareo, 1450 metros, foi vencido inesperadamente por Blach-Satin em 98 segundos, Hublon em 2º e Rapid em 3º logar.—Tambem correram Cane-nière, Appollo, Clareto, Condoret e

Pervenche que derrubou o jockey-Nautch-Vallah não correu. Rateio 1124000.  
 No 2º pareo, 1600 metros, Laly fez esplendida corrida em 107 segundos com alguma facilidade. Visière em 2º e Espadilha em 3º. Tambem correram, Half Way, Cecy, Risetto e Sir Tellamond.—Ormonde não correu. Rateio 408200.

No 3º pareo, 1800 metros, Boreas em 124 segundos foi o vencedor. Rabellais em 2º e Olinda em 3º lugar. Talisman, Dora e Americana não correram. Rateio 198000.

No 4º pareo, 1800 metros, Babylonia em 122 segundos bateu os seus competidores. Remise em 2º e All-Right em 3º lugar.

Siva, Linds-Farne, Amazonas, Paraguaya, Perception, Queenie não tiveram classificação. Rateio 768000.

No 5º pareo, handicap, 2000 metros, Porle com facilidade em 137 segundos venceu os seus competidores, visto Martin que chegou em 2º não ter disputado licitamento a corrida. Diva em 3º.

Ypiranga, Castiglione, Diomedee não mereceram classificação. Carmen não correu. Rateio 448000.

No 7º pareo, 1800 metros, houve infeliz partida, o que deu lugar a grandes reclamações por parte do povo. Odaliska e Tumor, ambos favoritos, ficaram parados. Regente em 136 segundos foi o vencedor. Druid em 2º e Bayoco em 3º. Yampa em ultimo. Rateio 428400.

O jogo da poule attingiu a avultada somma de 251:1008000, tendo a sociedade um lucro bruto de 43:5008 e liquido de 12:5008.

Com importante programma realisa amanhã o Derby-Club o grande premio Derby Nacional. O pareo, encerrando parrelheiros de nomeada e já conhecidos, deverá ser interessante pelas boas condições em que se acham os parrelheiros.

L. M. BASTOS.

## COLLABORAÇÃO

### ODE

AO NATALICIO DE CARMEN (27 DE FEVEREIRO 1837)

De sobre as turnas do celeste côro,  
 Além do espaço do salão de estrelas,  
 Do alto Empirio, pressuroso desça  
 Almo bafejo!

Dos céos os anjos congregados seão,  
 Entoem hymnos de prazer, de glori,  
 Louvem o dia que enflorou teu berço,  
 Cara Beidade.

Doces perfumes, cbeiros delicados  
 O sol derreta, em todo o ambiente vasto;  
 Ar que respiras deve ser tão puro,  
 Quanto és fornosa.

Bordo se a terra de fragrantas flores,  
 Tapiz macia, onde o teu pé repose;  
 Vista se a selva de viçosas folhas,  
 De grata sombra.

Trepida a lympha deslizando corra,  
 Roaque a cascata, rumoreje a brisa,  
 Cantem as aves, e repito todos  
 Teu doce nome.

Furmosas virgens companheiras tuas,  
 Teã capellas para ornar-te a fronte  
 E rendão honras, homenagens, cultos,  
 Como Rainha.

Dia solemn, bello, primoroso,  
 Qual esse aia que surgiu comigo,  
 Pedio me um canto que triufme alroso  
 Da mão da morte

T. CAMARA.

## FACTOS E NOTICIAS

Está na Côte o Sr. Alcides Catão da Rocha Medrado, director do Lyceu Mineiro e lente da Escola Normal de Ouro Preto, e redactor proprietario da *Revista do Ensino*. S. S. veio fazer aquisição de um prélo de impressão e material typographico para a sua util e interessante folha, a unica.—ao que nos consta—dedicada aos interesses da instrucção Publica, nas provincias. Ao nosso illustrado e amavel collega cumprimentamos cordialmente.

Partio no dia 10 do corrente, com destino ao Pará, o nosso collaborador Dr. Alcibiades Furtado, que vai assumir o cargo de juiz municipal em uma comarca d'aquella provincia.

Contractado pelo Sr. Castro Lima para se encarregar da parte illustrada—caricaturas e retratos—da *Vida Semanaria*, partio ha dias para S. Paulo o joven e distincto artista Bento Barbosa, nosso estimado collaborador. Brevemente será publicado o n. 10 d'aquella folha, o primeiro que será illustrado por Bento Barbosa. Esperamos-o de applauso engatilhado.

Abrio-se ha alguns dias, na rua dos Ourives n. 51, um novo estabelecimento photographico. Quer o Sr. Santos Moreira, quer o Sr. Guimarães são peritos e consummados photographos, e da nitidez e acabamento dos seus trabalhos são provas sufficientes os retratos expostos. Além d'isso, não sendo inferiores aos de outros ateliers, os retratos dos Srs. Moreira & Guimarães offerecem ao publico uma outra vantagem, que não é para ser despresada:—a modicidade dos preços.

Partio para a Europa na semana transacta o Dr. Henrique de Toledo Dodsworth, ajudante do Dr. Pedro Affonso, auctor das *Chronicas Scientificas* que ultimamente publicamos com a assignatura de Dr. Dodstol, S. S. vai a Pariz, sem caracter official, fazer aquisição do material necessario para o desenvolvimento, aqui, da vaccina animal.

Os estudantes de S. Paulo pretem fazer honrosa recepção ao nosso illustre hospede, auctor das *Farpas*.

Na reunião havida ali para aquelle fim, o academico Alfredo Pujol, nosso distincto collaborador, oppoz-se com muito criterio a que a projectada manifestação tivesse caracter collectivo e fosse ruidosa.

Ramalho Ortigão não é homem de se receber a foguetes e charanga; é preciso que isso comprehendau quantos lhe queiram manifestar a sua admiração e a sua sympathia. Para melhor se convencerem d'isto, leiam a segunda das *Cartas Paulistas*, que hoje inserimos,

A exposição artistica de Firmino Monte ro foi reforçada por sete quadros da Exma. Sra. D. Bertha Ortigão, todos muito bem pintados, dignos de muita attenção.

D'elles dirá, opportunamente, o nosso antigo e prestigioso collaborador Alfredo Patheta.

Recommendamos ao leitor a leitura do annuncio que, da grande edição das obras completas de C. C. Branco, faz nesta folha o Sr. J. A. Roque, digno representante dos editores portugueses Campos & C.

Obras como esta dispensam réclames.

## RECEBEMOS

— De que morreu o Dr. F. Quirino dos Santos?— resposta ao Dr. Clinaco Barboza pelo Dr. Pedro Sanchez de Lemos,

— Da talha Hippogastrica pelo Dr. Pedro Correa de Mello.

— *Arithmetica* apontamentos pnr Marcondes Pereira. — 2º fasc.

— *Os heróis do trabalho*, fascs. 18, 19 e 20. Editores Alcian Aranha & C. Porto; filial na Corte a Agencia Commercials Portugueza, de Lourenço Marques d'Almeida. O fasc. 20 é o ultimo d'esta importante obra.

— *Le Salon de La Mode*, n. 29 (6 de agosto) remetida pela casa *Au Petit Journal*.

— *A Estação*, 15 do corrente.

## ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua do Carmo n. 11.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Banco das Cancellas n. 2.

## LYRICA

### FILINTO D'ALMEIDA

Primoroso volume de poesias, elegantemente impresso a duas cores. 300 paginas.

Preço..... 35000

A' venda nas livrarias Garnier e Laemmert, e no escriptorio d'esta folha.

### VERSOS E VERSÕES.

### RAYMUNDO CORRÊA

Magnifico volume de poesias, nitidamente impresso.

Preço..... 28000

A' venda no escriptorio d'esta folha e nas livrarias Garnier e Laemmert.

## OBRAS COMPLETAS

DE

## CAMILLO CASTELLO BRANCO

O primeiro a publicar, RETRATO DE RICARDINA, todos os volumes serão illustrados de uma esplendida gravura executada pelos Srs.

CONDEIXA, HEITOR & LALLEMANT

Com este volume daremos, além da gravura um RETRATO DO AUCTOR aos 33 annes, mais tarde com outro volume, offereceremos aos nossos assignantes um bom RETRATO MODERNO DE

### CAMILLO CASTELLO BRANCO

A edição é LUXUOSA. A publicação far-se-ha em fasciculos de 72, ou 60 paginas e uma GRAVURA, pelo preço de 500 rs, ca ha uma entrega quinzenal. Está aberta assignatura na Rua do Hospicio n. 57, sobrado.

Toda a correspondencia a J. A. Roque, representante dos Livreros editores Campos & C., de Lisboa. Aceitam-se correspondentes nas provincias, dando-se boas vantagens. Para tratar-se na rua e numero supra.

Obras que se acham á venda na Rua do Hospicio n. 57 sobrado, Succursal de Campos & C.

### José Antonio de Freitas

HAMLET, tragedia em 5 actos, precedida dum notavel estudo critico, um grosso vol..... 4\$000

OTHELO, tragedia em 5 actos. 1\$500

### Henrique Lopes de Mendonça

O DUQUE DE VIZEU, drama em 5 actos, tendo junto A Noiva, drama em 1 acto..... 4\$000

SGANARELLO, comedia em 1 acto de Molière, versão..... 800

### Erockmann Chatrian

O ILLUSTRE DR. MATHEUS, um elegante vol. ornado com 16 estampas e capa desenhada por Bortaldo Pinheiro..... 2\$000

D. Guiomar Torrezão, Moura Cabral, Gervasio Lobato, Fiábro d'Almeida, Julio Cezar Machado e Candido de Magalhães *Contos Côr de Rosa*..... 2\$000

### Braz Tizana Junior

CASAMENTO IMMACULADO 800

POR VARIOS ESCRITORES

UNIVERSO ILLUSTRADO, 5 vol. com 524 gravuras..... 25\$000

Está aberta a assignatura do *Jornal do Domingo*, dão-se gratis aos Srs. assignantes os numeros que lhes faltarem.

# DERBY-CLUB

## PROGRAMMA DA 9ª CORRIDA

A REALIZAR-SE  
DOMINGO 21 DE AGOSTO DE 1887 DOMINGO  
AO MEIO DIA EM PONTO

### GRANDE PREMIO DERBY-CLUB

1º pareo—A's 12 horas—**Excelsior**—1609 metros—Animas estrangeiros de 3 annos, que não tenham ganho—Premios: 600\$ ao primeiro 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro

Ns.	Nomes	Pellos	Idades	Naturalidades	Pesos	Cores das vestimentas	Proprietarios
1	Corcovado.....	Castanho..	3 ans	R. de Jane..	49 kil.	Grénate e ouro.....	Mario de Souza.
2	Cecy.....	Idem.....	3 »	Idem.....	47 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
3	Tiple.....	Zaino.....	3 »	S. Paulo..	47 »	Vermelho.....	Tattersall Campineiro.
4	Lyra.....	Alazão.....	3 »	Idem.....	47 »	Vermelho e preto.....	Idem, idem.
5	Juanita.....	Baio.....	3 »	R. de Jane.	47 »	Grénate e lyrio.....	D. A.
6	Erse.....	Pampa.....	3 »	S. Paulo..	49 »	Verde branco e encarnado.....	Coud. Excelsior.
7	Epilogo.....	Alazão.....	3 »	Idem.....	49 »	Grénate e ouro.....	Coud. Carioca.

2º pareo—A's 12 3/4 horas—**Extra**—1450 metros—Animas estrangeiros de 2 annos—Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro

Ns.	Nomes	Pellos	Idades	Naturalidades	Pesos	Cores das vestimentas	Proprietarios
1	Cinira.....	Alazão.....	2 ans	Inglaterra..	43 kil.	Euc. preto branco e faixa.....	J. S.
2	Sir Telamonde.....	Castanho..	2 »	Idem.....	45 »	Rosa e preto.....	Coud. Intimidade.
3	Rapid.....	Alazão.....	2 »	Idem.....	47 »	Encarnado, preto e branco.....	Vianna Junior.
4	Lady.....	Castanho..	2 »	Idem.....	43 »	Azul.....	C. O.
5	Cancaniere.....	Idem.....	2 »	França.....	43 »	Azul e ouro.....	Coud. Alliança
6	Houguenot.....	Idem.....	2 »	Idem.....	45 »	Preto e branco.....	A. Michel.
7	Half-Way.....	Zaino.....	2 »	Inglaterra..	45 »	Azul e ouro.....	Coud. Hanoveriana.
8	Pbonix.....	Alazão.....	2 »	Idem.....	43 »	Encarnado azul e faixa.....	Coud. Brazileira.
9	Gentleman.....	Castanho..	2 »	Idem.....	45 »	Encarnado e azul.....	Idem.
10	Kaumarito.....	Zaino.....	2 »	França.....	43 »	Azul e amarello.....	B. Rocha.
11	Black-Satin.....	Preto.....	2 »	Inglaterra..	43 »	Azul ouro e grénate.....	J. S. Silva.

3º pareo—A's 1 1/2 hora—**Progresso**—1750 metros—Animas nacionais de meio sangue—Premios: 600\$ ao primeiro, 160\$ ao segundo e 80\$ ao terceiro

Ns.	Nomes	Pellos	Idades	Naturalidades	Pesos	Cores das vestimentas	Proprietarios
1	Gambetta.....	Zaino.....	5 aus	S. Paulo..	54 kil.	Preto e encarnado.....	M. G.
2	Americana.....	Tordilho..	4 »	R. de Jane..	52 »	Ouro e azul.....	D. Julia Vieira.
3	Tonor.....	Zaino.....	4 »	S. Paulo..	56 »	Vermelho.....	Tattersall Campineiro.
4	Regente.....	Castanho..	4 »	Idem.....	52 »	Vermelho e preto.....	Tattersall Campineiro.
5	Odalisca.....	Pampa.....	4 »	Idem.....	52 »	Verde branco e encarnado.....	Coud. Excelsior
6	Bayoco.....	Castanho..	6 »	Idem.....	60 »	Branco e encarnado.....	Oliveira J. & Lopes.
7	Druid.....	Tordilho..	5 »	R. de Jane..	56 »	Branco encarnado e faixa.....	Idem.
8	Monitor.....	Castanho..	4 »	S. Paulo..	51 »	Azul, branco e encarnado.....	Coud. Cruzeiro.
9	G. Boulanger ex-D.	Idem.....	4 »	Idem.....	52 »	Grénate preto.....	Luiz Pradey.

4º pareo—A's 2 1/4 horas—**Cosmos**—1609 metros—Animas estrangeiros de 3 annos—Premios: 800\$ ao primeiro 160\$ ao segundo e 80\$ ao terceiro

Ns.	Nomes	Pellos	Idades	Naturalidades	Pesos	Cores das vestimentas	Proprietarios
1	Remise.....	Preto.....	3 ans	França.....	49 kil.	Ouro e preto.....	F. Schmidh.
2	Amazonas.....	Castanho..	3 »	Inglaterra..	49 »	Azul e amarello.....	C. & F.
3	Daybreak.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	49 »	Azul e ouro.....	D. Julia Vieira.
4	Paraguaya.....	Castanho..	3 »	Idem.....	47 »	Azul e grénate.....	P. Lima.
5	Queenie.....	Idem.....	3 »	Idem.....	47 »	Azul.....	C. O.
6	Bonaparte.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	49 »	Azul e palha.....	J. P. de Castro.
7	Phedra.....	Castanho..	3 »	Idem.....	47 »	Encarnado e azul.....	Coud. Brazileira.
8	Perception.....	Idem.....	3 »	Idem.....	47 »	Verde.....	J. F. R.
9	Echoron.....	Alazão.....	3 »	França.....	49 »	Grénate e rosa.....	S. M.
10	Babylonia.....	Castanho..	3 »	Idem.....	47 »	Havana e azul.....	J. R.
11	Liuds Farne.....	Zaino.....	3 »	Inglaterra..	47 »	Verde e encarnado.....	Ernesto Wanninsherg.

5º pareo—A's 3 horas—**Rio de Janeiro**—2000 metros—Animas de qualquer paiz—Premios: 800\$ ao primeiro 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro

Ns.	Nomes	Pellos	Idades	Naturalidades	Pesos	Cores das vestimentas	Proprietarios
1	Satan.....	Castanho..	4 ans	França.....	56 kil.	Grénate e ouro.....	Mario de Souza.
2	Dr. Cacete.....	Zaino.....	4 »	R. da Prata	52 »	Idem.....	J. S.
3	Scylla.....	Castanho..	4 »	Inglaterra..	52 »	Grénate e violeta.....	Coud. Rio de Janeiro.
4	Coupon.....	Alazão.....	4 »	França.....	54 »	Azul, branco e encarnado.....	Coud. Cruzeiro.

6º pareo—A's 3 3/4 horas—**Derby-Club**—(grande premio) 3200 metros—Animas nacionais de meio e puro sangue—Premios: 5.000\$ ao primeiro, 1.000\$ ao segundo, 500\$ ao terceiro e 100\$ ao quarto salva a entrada

Ns.	Nomes	Pellos	Idades	Naturalidades	Pesos	Cores das vestimentas	Proprietarios
1	Dandy.....	Douradilh	4 ans	S. Paulo..	50 kil.	Grénate e ouro.....	F. Vianna.
2	Diva.....	Alazão.....	4 »	R. de Jane..	49 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
3	Contralto.....	Castanho..	5 »	S. Paulo..	49 »	Vermelho.....	Tattersall Campineiro.
4	Sybilha.....	Zaino.....	5 »	Idem.....	49 »	Azul, branco e encarnado.....	Coud. Cruzeiro.
5	Talismann.....	Alazão.....	6 »	Idem.....	52 »	Azul, branco, enc. e faixa.....	Idem.
6	Boreas.....	Castanho..	5 »	Idem.....	62 »	Grénate violeta.....	Coud. R. de Janeiro.

7º pareo—A's 4 1/2 horas—**Leogruber**—1609 metros—Animas de qualquer paiz que não tenham ganho o pareo—Rio de Janeiro—Premios: 800\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro

Ns.	Nomes	Pellos	Idades	Naturalidades	Pesos	Cores das vestimentas	Proprietarios
1	Mirzador.....	Zaino.....	4 ans	França.....	58 kil.	Ouro e preto.....	F. Schmidt.
2	Dr. Cacete.....	Idem.....	4 »	R. da Prata	58 »	Grénate e ouro.....	J. S.
3	Victorious.....	Idem.....	4 »	França.....	60 »	Vermelho.....	Tattersall Campineiro.
4	Baiooco.....	Castanho..	6 »	S. Paulo..	58 »	Branco e encarnado.....	Oliveira J. & Lopes.
5	Perle.....	Zaino.....	4 »	França.....	56 »	Idem Idem.	Idem Idem.
6	Plintão.....	Alazão.....	5 »	Idem.....	60 »	Havana e azul.....	P. P.
7	Peruana.....	Zaino.....	4 »	Inglaterra..	56 »	Azul e amarello.....	J. M. Rocha.

## EMULSÃO

DE

## SCOTT

DE OLEO PURO DE

## FIGADO DE BACALHÃO

Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygieno o autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tísica, bronchites, escrophulas, rachitis, anomia, debilidade em geral, defluxos, tosse chronica o affecções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simples de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinaes e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicas e reconstituintes dos hyprophosphitos. A' venda nas drogarias e boticas

### COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

E. GAMBARO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

### AS ULTIMAS NOVIDADES

em legitimos e superiores chapéus ingleses e francezes encontram-se na

CHAPELARIA INGLEZA

especial só em chapéus fins

120 Rua do Ouvidor 120

### GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

### RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.